

CAPÍTULO 33



Um lilás cresce no Jardin des Tuileries

NA MANHÃ SEGUINTE, CARLOS e eu fazemos o que se tornou nossa rotina diária. Acordamos às oito. Tomamos um café-da-manhã rápido. Saímos pelo jardim dos fundos e colocamos nossos disfarces e começamos a caminhar.

Descendo o Quai des Augustins naquela primeira manhã, somos atacados por uma gaiivota, que veio ribombando do rio e, com um grito de pura obscenidade, alçou a peruca de cachos empoados bem acima da cabeça de Carlos. Surpreso, Carlos observa sua peruca desaparecer sobre a Pont Neuf. Coloca uma mão sobre seus cabelos nus.

— Sabe que eu acho que gosto mais sem?

— Eu também.

E lá se vai a *minha* peruca. Lá se vão os *seus* óculos com lentes escuras. Na primeira loja de roupas, esbanjamos os fundos do Ministério da Justiça em botas novas. E agora, pela primeira vez, um quê de folia infiltra-se em nossa empreitada. Andamos mais rapidamente, rimos mais facilmente. Acenamos com a cabeça para as senhoras e cumprimentamos os velhos senhores em seus chapéus de três pontas, e perdemos qualquer noção de termos que estar em algum lugar, segundo alguma ordem, a uma hora qualquer.

As Tuileries, o Louvre, a Conciergerie... estes não provocam nem sombra de reconhecimento nele, então logo abandono qualquer itinerário e simplesmente andamos. Do Hôtel de Ville ao *faubourg* Saint-Honoré, da Barrière du Maine ao Quartier Saint-Antoine, da Place Louis XV à Place Vendôme. Dia após dia, quilômetros e quilômetros em todas as direções, cobrindo nossos casacos de caxemira com pó de carvão, emplastrando nossas botas novas na lama e no so-

lo noturno — movendo-nos, sempre, e de acordo com a mais incongruente das bússolas. Norte, na Pont Notre-Dame... sul na Pont-au-Change... norte, novamente, na Pont d'Iéna...

Paris encolhe diante de nós, e Carlos encara isso como um homem decidido a percorrer os recantos perdidos da lua. Ele olha para o visconde em suas meias de seda da mesma maneira como olha para um trabalhador da indústria química e seu rosto escurecido. Ele vigia o arco de Napoleão construído pela metade na Champs-Élysées e resolve que ele devia ser deixado “assim mesmo”. Declara que nunca viu nada mais lindo do que o elefante de gesso que apodrece, à mercê dos ratos, na Place de la Bastille.

— Mas de quem foi a idéia? — pergunta.

— De um sujeito aí. Que não está mais por aqui.

— Você está falando de *monsieur* Bonaparte — diz ele, inesperadamente.

— Esse mesmo.

— Eu o vi uma vez.

— Viu?

— Sobre um escudo de cinco francos. Ele estava de banda.

Um segundo depois, estou, eu próprio, virando de banda e vendo um lampejo escarlate, desaparecendo na esquina da Rue de Charenton. Não mais substancial do que na outra noite, quando o entrevi da janela de minha mansarda, porém mais vívido, de alguma forma, por ser tão fugaz.

— Vamos indo — digo.

— Mas aonde vamos?

— Aos bulevares.

É o lugar mais seguro em que consigo pensar. Nos bulevares, a linha entre perseguidor e perseguido desmorona, porque nada fica parado. A menina usando turbante e tocando viola de roda torna-se, no passo seguinte, um engolidor de espada. O pantomimista torna-se um cantor de baladas ou um ator raciniano ou uma mulher remexendo silenciosamente a água dentro de uma bacia — ou, simplesmente, uma modista, carregando uma chapeleira.

Da igreja da Madeleine à Bastilha, passamos, Carlos e eu, por um milhão de cafés, casas de banho, restaurantes, *pâtisseries*, teatros e salões de bilhar, mantendo um ritmo firme contra toda aquela contracorrente, só parando para nos refrescarmos ou nos abrigarmos de um chuvisco passageiro.

E se, de vez em quando, um lampejo escarlate familiar é registrado pela beira de minha retina, eu só puxo Carlos pelo braço, e desaparecemos dentro de uma multidão de vendedores.

Maçãs, monsieur! Ah! Messieurs, comprem minhas batatas!... Roupas velhas!... Peles de lebre!... Petits pains au lait! Quentes! Quentes!

Certa tarde, somos parados no Boulevard de la Madeleine por um cortejo de grande solenidade. A própria rua fica em silêncio diante do espetáculo. Sete carroças. Em cada uma, vinte e quatro homens, sentados de costas uns para os outros, com tamancos de madeira nos pés, os pescoços atados a coleiras de ferro, braços amarrados como vértebras por uma única corrente.

Enquanto passam, ouvimos o chacoalhar, o tiritar e o estalar de chicotes, e os próprios homens, tremendo ao sol, deixam escapar um cântico, espécie de canto gregoriano, em que se ouvem fragmentos de canções obscenas de taverna.

— Quem são eles? — cochicha Carlos.

— Condenados.

— Aonde estão indo?

— Para as galeras.

“Os que têm sorte”, eu poderia acrescentar. Os demais...

Bem, basta dar uma olhada rápida nos homens deitados na última carroça: amontoados como feno, brilhantes de febre. *Aqueles* não vão durar até amanhã. Mais da metade desse grupo vai morrer, também, antes de a jornada terminar; os que sobreviverem vão desejar não terem vivido. Acorrentados pelos tornozelos da manhã à noite... forçados a trabalharem em calores pestilentos... açoitados, cuspidos, esmurrados, sodomizados. E sua recompensa ao final do dia? Uma prancha de madeira sobre a qual pôr suas cabeças raspadas — e uma perspectiva cada vez mais distante da liberdade.

— Hector!

As narinas de Carlos contraem-se, como se uma mão invisível as estivesse apertando.

— Esse cheiro — diz ele. — É igual ao do seu amigo.

E ele tem razão.

Incrível imaginar que um cheiro permaneça aderido a um homem quinze anos depois de ele ter saído das galeras. Meu olhar, sem antolhos, vagueia entre as carroças até fixar-se em um sujeito tristonho, desdentado, magricelo, meneando a cabeça de sono — até, finalmente, sucumbir, e, um segundo depois, ele está caindo direto para fora da carroça e levando consigo o resto dos seus companheiros

de corrente. Um a um, eles saltam sobre as pedras do calçamento, como pardais caindo de chaminés.

Na mesma hora, os procuradores e os guardas correm atrás deles com clavas e chicotes e a face plana das espadas. Com grande esforço, os condenados ficam de pé novamente e arrastam-se de volta até a carroça — claudicando no caminho, pois, embora seus tornozelos tenham sido deixados livres para a jornada, a mera *lembrança* daqueles grilhões faz com que cada um daqueles homens arraste o pé direito atrás de si.

“Exatamente como Vidocq”, penso, estupefato.

E agora, em um impulso unânime, Carlos e eu partimos. Deixamos os condenados, deixamos os bulevares e avançamos para longe, sem um destino em particular, simplesmente seguindo os declives da própria cidade. Ao nosso redor, o ar começa a borbulhar e a ranger, mas continuamos a andar, e é o rio que nos detém, finalmente.

Olhamos em torno de nós, com estupor, e nos vemos debaixo de uma escura massa de castanheiras, orlando um longo passeio público.

O Jardin des Tuileries.

O severo vento do noroeste golpeia as laranjeiras, encurvando para trás os arbustos esculpidos em forma de globos, arrancando colheradas d’água das fontes. Ao sul, o Sena levanta marolas bravias, e, ao leste, velas estão piscando por detrás de todas as janelas — enquanto o palácio se precipita para fechar-se à borrasca que se aproxima.

Todos os transeuntes já se foram — suas cadeiras alugadas jazem revolvidas, seus jornais abandonados elevam-se como velas —, mas Carlos recusa-se a mover-se. E, quando as primeiras gotas grossas de chuva atingem sua cabeça descoberta, ele pisca duas vezes e diz:

— Espere.

Ele anda, muito vagarosamente, na direção de um arbusto de lilás.

Ajoelha. Enfia a mão por entre os galhos inferiores do arbusto, tateando até a raiz. Então, depois de vários segundos de esforço concentrado, ele retira o seu troféu. Estende-o para mim, dentro da palma da mão.

Uma fita. De branco Bourbon.

Suja e rasgada e bastante desfiada, mas ainda luminosa, como se a chuva estivesse lavando e retirando-lhe os anos. E lavando Carlos até torná-lo... outra pessoa. Alguém que eu nunca vi antes.

Ajoelho-me ao seu lado. Falo diretamente dentro de seu ouvido.

— O senhor sabia que essa fita estava aqui?

Depois de vários segundos, ele faz que sim com a cabeça, muito lentamente.

— O senhor mesmo a colocou aqui?

Outra pausa. Outro meneio.

— Isso aconteceu há muito tempo?

Somente dois palmos nos separam, mas sou obrigado a elevar a voz, simplesmente para ser ouvido apesar do vento e da chuva.

— Isso aconteceu quando o senhor era um *menino*?

A essa pergunta, ele não dá resposta, a não ser fechando a mão em torno da fita mais uma vez, como se para espremer a memória de dentro dela.

— *Por que* o senhor a escondeu, Carlos?

— Para que eles não a encontrassem — responde ele, elevando a voz.

— Quem?

— Os homens maus.

A chuva agora escorre pelo seu rosto.

— Eles... — Carlos enxuga a boca com o antebraço. — Eles levaram o meu jardim. Eles disseram que eu não podia ficar com nenhuma das minhas flores. Então, eu peguei a minha muda de lilás e a plantei *aqui*, e coloquei a fita onde eles... onde eles...

Ele coloca uma das mãos sobre o rosto.

— Não — diz ele. — Isso foi um sonho.

Muito delicadamente, coloco uma mão sob o seu queixo. Ele não se retrai. Coloco a outra mão ao longo de sua têmpora. Giro seu rosto, com todo o vagar, para o oeste do Palais des Tuileries — o único ângulo que jamais pensei impor a ele —, o ângulo do jardim que Luís XVII teria visto, todos os dias, voltando de suas incursões. Aquele do qual teria se lembrado mais. Se ainda estivesse vivo.

Durante o que parece ser uma eternidade, Carlos examina aqueles telhados de pavilhões, e eu o examino. O que significa dizer que o estou olhando quando ele se abre.

Sim, esta é a melhor palavra, creio. Um mundo de luz o atravessa. O arbusto de lilás... a fita... as cornijas e colunas daquele palácio hediondo... todos se juntam formando um sentido. Com tanta força que ele é, literalmente, jogado para trás.

— Eu tenho esse sonho, às vezes — geme ele. — Eu sonho que eu era...

— O senhor foi — digo, surpreso com a certeza em minha própria voz. — O senhor é.

Seus olhos emitem um luzimento branco em meio à chuva e à bruma. Sua boca se abre...

— O quê? — pergunto. — Não consigo ouvi-lo.

— *É tarde demais?*

— *Tarde demais para quê?*

— *Para voltar?*

Bem, pode ser que ele esteja querendo, simplesmente, sair de debaixo da chuva. Mas, quando me recordo desse instante, vejo nossos destinos entrelaçados mais estreitamente ao nosso redor, como uma vinha abraça uma treliça. Por que outra razão, então, eu responderia tão rapidamente assim, sem pensar em dar qualquer outra resposta?

— *É TARDE DEMAIS.*